



XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA

Paleontologia: Caminhando pelo tempo
23 A 28 DE OUTUBRO 2011 - NATAL/RN

ATAS

EFEITOS SOCIOAMBIENTAIS DO GEOTURISMO SEGUNDO A PERCEÇÃO POPULACIONAL: O CASO DE SÃO JOSÉ DE ITABORAÍ (ITABORAÍ – ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

Wellington Francisco Sá dos Santos¹ (tonlingeo@yahoo.com.br), Ismar de Souza Carvalho¹ (ismar@geologia.ufrj.br)

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Instituto de Geociências, Departamento de Geologia

RESUMO

Para que uma atividade turística seja realizada de maneira sustentável é importante que não ocorram impactos ambientais na comunidade receptora. Nesse sentido, buscou-se analisar, por meio de entrevistas, a percepção populacional dos possíveis efeitos socioambientais do geoturismo frente à revitalização do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí.

Palavras-chave: Patrimônio geológico, geoturismo, impactos ambientais

ABSTRACT

The tourism activity, in a sustainable way, has to present low environmental impacts. In this study is analyzed the public understanding of the possible socioenvironmental effects of geotourism in the Parque Paleontológico de São José de Itaboraí.

Keywords: Geological heritage, geotourism, environmental impacts

INTRODUÇÃO

O geoturismo utiliza os aspectos geológicos de uma região promovendo uma interpretação ambiental e cultural da área, com benefício para a comunidade local (Brilha, 2005). O turismo, assim como outras atividades que usufruem do ambiente, pode causar impactos tanto positivos quanto negativos. Benefícios especialmente importantes desta atividade são a geração de emprego, renda e infraestrutura, que podem acarretar um crescimento socioeconômico do lugar. No entanto, sem o devido planejamento e gerenciamento do turismo, o crescimento pode ocorrer junto a taxas ascendentes de degradação ambiental, associado a um progresso tecnológico acompanhado de desemprego e exclusão. Assim, para um verdadeiro desenvolvimento de

determinada localidade, é necessária a superação dos problemas econômicos sem a existência de exclusão social e degradação ambiental (Souza, 2000).

Nesse contexto se insere o caso de São José de Itaboraí, um bairro do 6º distrito do município de Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro), o qual possui uma pequena bacia sedimentar (Figura 1) preenchida por rochas calcárias e ricas em fósseis de invertebrados e vertebrados, com destaque para a fauna continental de mamíferos do Paleoceno tardio (57 Ma). A área foi explorada economicamente de 1933 a 1984 pela Companhia de Cimento Portland Mauá, que foi responsável pela descoberta dos fósseis e por melhorias sociais e econômicas no bairro. Todavia, durante o funcionamento, acarretou a destruição da maior parte dos afloramentos e os remanescentes encontram-se atualmente inundados ou cobertos pela vegetação. Um lago se formou na depressão deixada pela mineração (Figura 2). Com o fim desta atividade, São José de Itaboraí entrou num processo de decadência socioeconômica (Bergqvist *et al.*, 2006).

Buscando a geoconservação do patrimônio geológico, pesquisadores fluminenses lutaram pela criação do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí. A instituição foi inaugurada em 1995 e, atualmente, passa por um processo de revitalização. Essa atitude poderá acarretar um novo impulso social e econômico em São José de Itaboraí por meio da intensificação do geoturismo. Dessa forma buscou-se a percepção da população local dos possíveis efeitos socioambientais da atividade geoturística em São José de Itaboraí. O presente estudo pode ser utilizado em estratégias de geoconservação do patrimônio geológico, no planejamento e ordenamento do território, em medidas mitigadoras de impactos ambientais e em propostas para melhor atender aos geoturistas.

METODOLOGIA

Entre os dias 19 e 27 de janeiro de 2009 foram realizadas 100 entrevistas com abordagens diretas e de maneira aleatória com a população de São José de Itaboraí. Estas davam-se pela visita às casas e comércios, além de transeuntes, no centro da localidade. Participaram moradores e pessoas que possuíam vínculos (afetivos, familiares ou empregatícios) com o lugar. De início os entrevistados foram indagados se com a revitalização do parque paleontológico aumentaria o fluxo de geoturistas em São José de Itaboraí. Posteriormente, se o aumento do geoturismo poderia acarretar degradações no espaço físico local. Por fim, os que acreditavam nos impactos do geoturismo, foram questionados sobre quais degradações poderiam ocorrer.

Perfil dos entrevistados

Dos 100 participantes da pesquisa 50% eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino. A faixa etária dos entrevistados variou de 15 a acima de 70 anos. O nível escolar que possuem é baixo e a comunidade possui um reduzido poder aquisitivo. A grande maioria dos entrevistados (85%) reside em São José de Itaboraí, a outra parcela em São Gonçalo, Cabuçu, Itaboraí, Niterói e Maricá.

Revitalização do parque, geoturismo e degradações ambientais

Dentre os 100 entrevistados, 95% acreditam no aumento do geoturismo em consequência da revitalização do parque paleontológico. Destes 95 participantes, 35,8% creem no surgimento de impactos ambientais com a intensificação do geoturismo, enquanto que 61,1% não acham que a atividade geoturística possa gerar deteriorações no espaço físico de São José de Itaboraí. Apenas 3,1% não souberam responder à questão. De maneira geral, os entrevistados que não acreditam nos impactos ambientais do geoturismo consideraram que esta atividade contribuiria para o crescimento socioeconômico da localidade. Discorreram que os geoturistas não causam degradações, pois possuem consciência ambiental. Contudo, segundo Hose (2000), o perfil do geoturista médio baseia-se na visita casual e sem planejamento ao geossítio e na pouca familiarização com temas relacionados

à geoconservação. Nesse sentido, não podemos afirmar que os geoturistas têm consciência de preservação do patrimônio.

Possíveis impactos ambientais do geoturismo

A Figura 3 mostra que 28,8% das 59 citações de 34 entrevistados referiram-se ao aumento do lixo com a intensificação do geoturismo. A quantidade de lixo deixado pelos turistas durante a visita pode fazer com que as áreas percam seus atrativos. Torna-se necessária a educação ambiental dos visitantes, a construção de lixeiras e de placas informando que é proibido jogar lixo. Um total de 16,9% das citações relacionou-se a possível destruição do patrimônio por meio de atos de vandalismo, enquanto que 6,8% das citações referiram-se à perda de materiais (fósseis e rochas) do patrimônio, através da retirada para fins não científicos, como uma possível degradação. Os parques naturais e sítios arqueológicos e históricos podem ser deteriorados por atos de vandalismo, pichações e remoção ilegal de itens do patrimônio se não houver um controle do número de visitantes (Brilha, 2005).

Averiguou-se que 8,5% das citações mencionaram a existência de violência e assaltos como possíveis degradações no espaço físico de São José de Itaboraí pelo crescimento do geoturismo. Os entrevistados possuem a percepção de que muitas pessoas de fora se deslocarão para a área, podendo intensificar a criminalidade. O tópico destruição da fauna e flora abrangeu 15,2% das indicações (Figura 3). Os participantes creem que com o aumento do geoturismo, os animais e a vegetação da região poderão ser afetados pelo grande trânsito de visitantes. O tópico destruição das moradias obteve 8,5% das 59 citações de 34 entrevistados preocupados que atos de vandalismo e badernas possam acarretar a destruição de suas moradias. Um total de 11,9% das indicações se referiu ao aumento do consumo de drogas ilícitas com a intensificação do geoturismo. O assunto fim da “lagoa” foi abordado em 3,4% das citações. A lagoa serve de abastecimento de água local. Então, a população está preocupada que com o aumento do geoturismo o abastecimento possa cessar devido à retomada dos estudos científicos.

CONCLUSÕES

Pode-se concluir que é necessária a elaboração de um plano diretor para que se tenha noção das áreas em que o geoturismo irá atuar e dos empreendimentos para atender a esta prática, o que contribuirá para a mitigação dos impactos de uma possível intensificação desta atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRILHA, J.B. 2005. *Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Coimbra, Viseu palimage. 190 p.
- BERGQVIST, L.P.; MOREIRA, A.L. & PINTO, D.R. 2006. *Bacia de São José de Itaboraí 75 anos de História e Ciência*. Rio de Janeiro, Serviço Geológico do Brasil – CPRM. 81 p.
- HOSE, T.A. 2000. European Geotourism – geological interpretation and geoconservation promotion for tourists. In: Baretino D.; Wimbledon, W.A.P & Gallego E. (eds.) *Geological Heritage: Its Conservation and Management*. Sociedad Geologica de Espana/Instituto Technologico GeoMinero de Espana/ProGEO, Madrid, p. 127-146.
- SANTOS, W.F.S. 2010. *Diagnóstico para o uso geoturístico do patrimônio geológico de São José de Itaboraí – Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro): subsídio às estratégias de geoconservação*. Programa de Pós-Graduação em Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 252 p.
- SOUZA, M.L. 2000. O Turismo como desafio ao desenvolvimento. In: RODRIGUES, A.B. (ed.) *Turismo e Desenvolvimento Local*. Editora Hucitec, p. 17-22.



Figura 1. Localização do parque paleontológico com destaque para a bacia sedimentar.

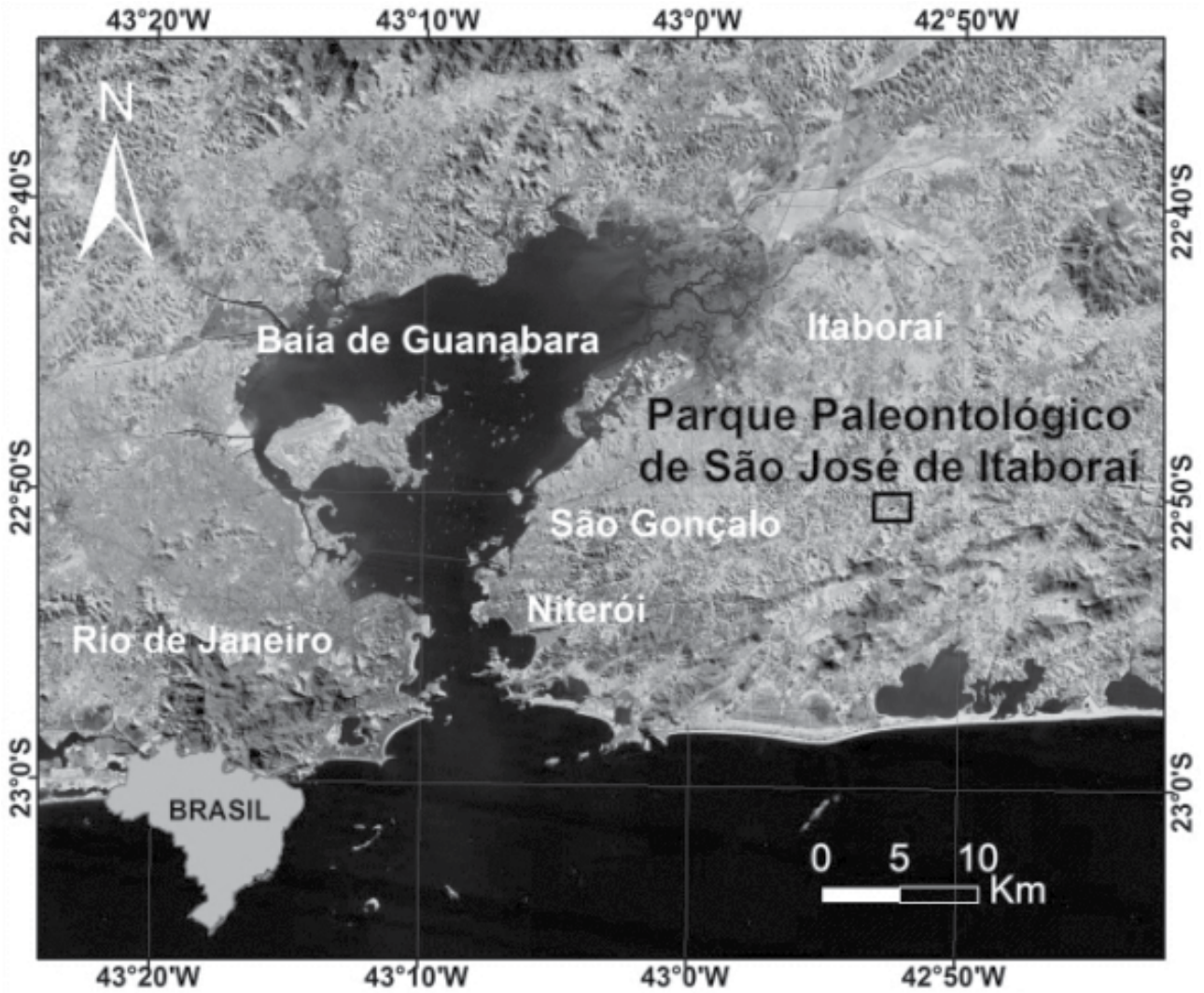


Figura 2. Bacia de São José de Itaboraí. Note o lago formado na depressão (junho, 2011).

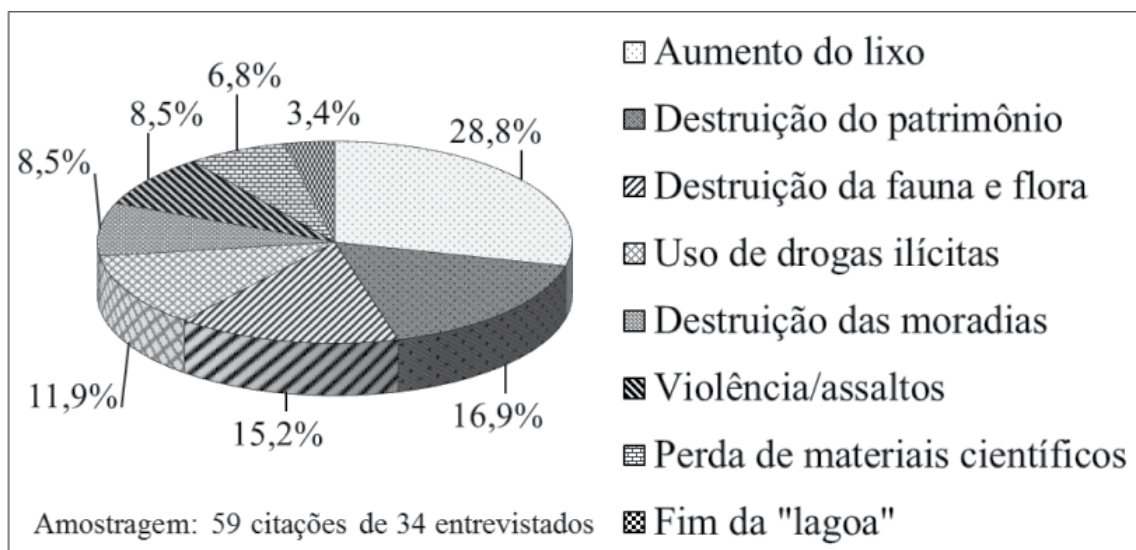


Figura 3. Degradações que poderão ocorrer em São José de Itaboraí pelo geoturismo.